

ECLOGA.
TRISTEZAS DE JOZINO,

E

VIRTUDE DE MATILDE.

POR

JOZÉ DANIEL

RODRIGUES DA COSTA.

*Metido tenbo a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras,
Que me ensinou a virva experiencia.*

Cam. Sonet. LXXXVII.

Via-se a Lua já mais desmaiada,
Tres horas da alta noite se contavaõ,
Convidando a serena madrugada
As Ades, que nos Lagos se juntavaõ.

A

Lá

2 *ECLOGA PASTORIL*

Lá se ouvia da rócha a despenhada
Corrente, com que os campos se banhavaõ,
Quando a sonora voz da Filomela
Promulgava a manhaã serena, e bella.

Jozino, que de noite naõ dormia,
Cuidando nas desgraças, que passava,
As horas do descanso consumia,
Nas lembranças crueis, com que lidava;
Chorava de continuo, noite, e dia
O motivo da dor, porque penava,
E augmentando dos olhos a corrente,
Do fado assim se queixa amargamente.

Que denegridas nuvens vaõ cubrindo
Este meu coração afflicto, e triste;
A curta vida vai-se consumindo,
Naõ sei, o ser ditozo em que consiste:
Na verdade enlouqueço, e me confundo
No desconcerto do cançado Mundo.

Quem

26

DE JOZINO, E MATILDE. 3

Quem haverá , que viva soccegado
Nesta da vida lastimoza Scena ,
Se póde hoje gozar feliz estado ,
E á manhaã padecer horrivel pena :
Feliz , o que sujeito a este engano
Póde tirar do Mundo o dezengano.

He o viver hum sonho , que fugindo
Deixa o viventè reduzido a nada ,
E ditozo o mortal , que vai sahindo
Da prizaõ pelo Mundo fabricada ,
Pois aquelle , que nasce para os damnos,
Nelles consome sem remedio os annos.

Vejo infelices huns , outros ditozos ,
Estes , porque tem mais , ter mais dezejaõ ,
Aquelles da desgraça desgostozos ,
Os bens alheios por costume invejaõ ,
E quer seja em bonança , ou em tormenta ,
Ninguem do seu estado se contenta.

Enganos sobre enganos vão crescendo,
Nos peitos femininos refallados,
Os homens por igual correspondendo,
Vão c'os mesmos enganos disfarçados,
E nesta confuzaõ todos tem parte,
Ellas por natureza, elles por arte.

Já lá vão vinte e quatro Primaveras,
Sem mudar minha sorte de figura,
Entre fragozas penhas, entre fêras,
Cumpre-se o tempo, á minha desventura;
Naõ póde a minha maõ, por mais que faça,
Quebrar a vil cadêa da desgraça.

Veste a terra o matís das lindas flores,
Livre do Inverno, que o verdor lhe tira,
Doiraõ do Estivo Sol os resplandores
Aprehe nuvem, que nos ares gira:
Tudo vejo tomar outra figura,
Só naõ muda esta minha desventura.

211
DEFOZINO, E MATILDE.

5

Mal haja, aquelle amor fero, enganozo,
Qua sujeitou primeiro este meu peito;
Pois esperando d'elle hum fim ditozo,
Fez, que sahisse errado o meu conceito;
E desde entãõ de amor sempre ferido,
Naõ tenho achado amor senaõ fingido.

Fórmõ queixas ao ar, em vaõ clamando
Contra as Pastoras, que me tem deixado;
Sempre de amor estragos vou chorando,
Porque o mal nunca esquece, inda passando,
Pois até nestes funebres retiros,
Naõ encontro descanso em dar suspiros.

Nos altos montes os meus ais resoãõ,
E já mostrando, que o meu damno entendem,
As Aves, que no ar cantando voaõ,
Parece, que de ouvir-me se suspendem;
Mas quando a forte as magoas naõ respeita,
O mesmo suspirar nada aproveita.

Na-

Naquelle tempo, em que amor fingia
Hum doce agrado em todas as Pastoras,
Assustava-me o fim do claro dia,
Porque gostozo disfrutava as horas,
A ventura rizonha me enganava,
E o peito com prazeres sustentava.

Alcancei finalmente os dezenganos,
Que dá o mesmo amor, ou tarde, ou cedo,
Tomei toda a experiencia nos meus damnos,
Sem poder evitar taõ grande enredo;
E pensando no mal, que em mim perziste,
Vivo contente o tempo, que estou triste.

Fundei n'uma mulher minha esperança;
Fundei muralhas sobre o leve vento;
E quem faz em mulheres confiança,
Quer trazer enganado o pensamento,
Que nesta confuzãõ, nesta incerteza,
De cem a penas huma tem firmeza.

DE FOZINO, E MATILDE.

7

Oh que foccego o Mundo mostraria,
Se em mulheres-houvesse lealdade!
Mas não ha mais, que fera tirania,
He tudo ingraticidão, e falsidade;
Nenhuma, quer o nome de tirana;
Mas a mais extremoza mais engana.

He feliz, quem despreza os duros laços,
Com que amor os viventes ameaça;
Pois faz duas cadêas em pedaços,
Huma do amor, a outra da desgraça;
E se puder de amor viver izento,
Tem de dois inimigos vencimento.

Eu bem fei, que humas tranças de oiro fino',
Huns olhos vencedores, cintilantes,
Sujeitaõ, inda o genio mais ferino,
Despedem duras settas penetrantes:
Sei, que fugir ás armas da belleza,
He quebrantar as leis da natureza.

Mas

Mas a mulher ao Sol he comparada,
Que quanto mais brilhante, entãõ mais cega,
He raio, que inda quando mais domada,
Logo cauza ruinas, onde chega;
E ou se mostre soberba, ou com afagos,
Que faz huma mulher, senãõ estragos?

Desgraçado, o que sente a paixãõ cega,
Venenoza paixãõ, que amor se chama,
Sem os damnos saber, a que se entrega,
Com dezacordo nutri a voráz chamma,
E se quer acudir ao fogo ardente,
Diz-lhe a mesma paixãõ, que naõ consente.

Se he difficil o fumo ser seguro,
Das ondas impedir-se o movimento,
Deixar o duro bronze de ser duro,
Faltar no clara dia o luzimento;
Assim julgo, que tem difficuldade,
Achar-se huma mulher com lialdade.

Que

29

DE JOZINO, E MATILDE. 9

Que tira hum Pastor pobre desvelado,
Por esta, ou por aquella formozura?
Se amor com a ambição anda ligado,
Se com riquezas, só amor amor atura,
Passa hum mez, outro mez, e Passaõ annos,
No fim não tira mais, que dezenganos.

Busquemos nos volumes da memoria,
Os que de amor tem sido perseguidos,
Leremos de hum Jozino a triste historia,
E dos mais por amor sempre perdidos;
Busque-se hum, que lidando neste enredo,
Não tenha algum disgosto, ou tarde, ou cedo.

Acabou de fallar, e reparando,
Huma Pastora vio ao pé sentada:
Era Matilde, que hum suspiro dando,
Mostrava ser de magoas penetrada;
De Jozino o pezar stava chorando,
De terna compaixão acompanhada;
Porque apenas ouviu queixa tão forte,
Veio sentir com elle a ingrata sorte.

B

Elle;

Elle logo que a vê na conjectura ,
 De que lhe venha tecer alguns enganos ,
 Diz-lhe , se retire , e que he ser dura ,
 Dobrar a dor a quem padece damnos ,
 Porém ella prudente , e com brandura ,
 Estimando achar nelle dezengano ,
 Pede-lhe entã , que de animo não mude ,
 Que ella não segue amor , segue a virtude .

Eu venho da razã a luz mostrar-te ,
 Não temas meu Pastor (lhe principia)
 Não quero ter amor , quero amparar-te ,
 E guarnecer teu peito de alegria ,
 Aceita por piedade protegerte ,
 Não he amor , he compaixã valer-te .

Vem para a minha Aldêa descansado ,
 Gozarás de feliz tranquillidade ,
 Terás terras , e fructos , terás gado ,
 De tudo , o que tiver , terás metade .
 Livre sempre de amor , que o meu foccego ,
 Vale mais , que as ternuras do Deos cego .

Hum

DE JOZINO, E MATILDE. II

Hum homem tem mui fraca resistencia,
Muitas vezes tece os laços já desfeitos;
E deves vigilante ter prudencia,
Que amor impêra nos humanos peitos,
Lembre-te o damno desse mal passado,
Lembre-te o teu dever, no meu estado.

Terás sempre segura esta amizade,
Não te atormente mais essa tristeza;
Sempre acharás em mim boa vontade,
Que vale mais, que a perfida riqueza:
Não farei como Jonia certamente,
Por quem passas a vida discontente.

Não falles mal, Pastora, dessa fera,
(Lhe responde Jozino) que me mata,
Eu sei o grande bem, que me fizera,
De mau não tinha mais, que ser ingrata:
Ella deo-me hum surrao, deo-me huma cria,
Em fim, dava-me tudo, o que podia.

Deo-me huma vez de abelhas hum cortiço,
Sustentou-me tambem felices mezes,
Se algum Cordeiro meu tinha fomiço,
Mandava-me por elle duas rezes:
Em compaixão foi sempre desta casta,
Mas nos lances de amor, mulher, e basta.

Se eu fugisse nos meus primeiros annos,
Dos laços, que amor tece ás cegas gentes,
Naõ choraria em mim taõ feros damnos,
Seria o mais feliz entre os viventes;
Sem que me atromentasse neste estado
O pago, que as Pastoras me tem dado.

Mas a desgraça em fim sempre importuna,
Quiz, (apenas os olhos eu abrisse,
Por dezanãdar a rōda da fortuna,)
Que hum Menino vendado me ferisse;
È agora vendo o mal, que reconcentro,
Fechoume a chaga com veneno dentro.

Naõ sei como confervo paciencia ;
Pois tenho aqui levado noites, dias,
Já com pouco vigor na rezistencia,
Que me fazem lembranças taõ impias ;
E aqui sentado em dor taõ penetrante,
Vejo o meu mal a tudo semelhante.

A dureza das penhas me figura
Os coraçõens, que tenho experimentado,
No campo das boninas a cor pura
Mostra o engano já por mim passado ;
Corta-se a flor, e logra-se formoza,
Porém desfmaia, e murcha a mais viçoza.

Estas ondas, que vejo levantadas,
E fazem sobre as penhas precipicio,
Aos prantos da mulher saõ comparadas ;
Do seu estrago daõ patente indicio :
Em fim, tudo o que está nesta aspereza,
Tem de mulher a mesma natureza.

Mas

Mas tu, Matilde, que á virtude unida,
Naõ conheces amor, duto enganozo,
Que da mais terna compaixãõ vencida,
Queres fazer hum infeliz ditozo;
Devo izentar os teus merecimentos,
Das que quizerãõ só dar-me tormentos.

Eu te agradeço quanto bem me fazes:
Vou para a tua Aldêa descansado,
Ao meu soccego o maior bem me trazes,
Já sou feliz, se fui taõ desgraçado;
Por mim qualquer mortal a saber venha,
Que naõ ha bem, ou mal, que fim naõ tenha.

Naõ disse mais Jozino; entãõ raiando
Vinha o luzente Sol pelo Orizonte,
Foi o Pastor Matilde acompanhando,
Descendo alegre do escabrozo monte,
Já do passado estrago hia zombando,
E mal chegou ao pé de estreita ponte,
Quebrou com ancia os amorozos laços,
E no Rio lançou os vis pedaços.

SONE-

SONETO.

Quem puzer em amor o pensamento,
Caminha por estrada mal segura,
Que rara vez consigo tras ventura;
Elle he incerto, como o incerto vento.

Porque tem em mulher o fundamento,
He natural que tenha pouca dura;
Que sempre foi a nossa desventura
A sua variedade, e fingimento.

Conheça o innocente acautellado,
O mal, que faz amor: tema a ferida,
Que torna o venturozo desgraçado.

Detéste de hum amante a triste lida,
E se quer doce bem feliz estado,
Sacrifique á virtude a curta vida.

F I M.

Nas

Nas cazas dos Rêligiozos de S. Domingos, na
Praça do Rocio, em caza de Joaquim de Pinna se
vendem todas as qualidades de Eclogas; como tam-
bem de Comedias, e Entremezes.

LISBOA,

NA Officina de DOMINGOS GONSALVES;

Anno MDCCLXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

